
O EU-CORPO EM FREUD E SCHOPENHAUER

THE SELF-BODY IN FREUD AND SCHOPENHAUER

Renata dos Santos Dias¹
Eugênio Canesin Dal Molin²

RESUMO

No cotidiano, podemos perceber cada vez mais a influência que o corpo exerce na sociedade. Dessa forma, o presente estudo pretende analisar o tema sobre o eu e corpo em Freud e Schopenhauer, verificando se há possíveis relações conceituais entre esses autores que são importantes para os estudos da atualidade e se aproximam pelas suas teorias inaugurais sobre o sujeito. Seguindo a influência do romantismo alemão, o psicanalista e o filósofo disseminaram a corporeidade como uma expressão individual, a partir de uma vivência que ultrapassa a pura genética. Portanto, o corpo tem sido abordado para além do sentido fisiológico em pesquisas realizadas principalmente na área da filosofia e da psicanálise.

72

Palavras-chave: Eu. Corpo. Freud. Schopenhauer.

ABSTRACT

In daily life, we can perceive more the influence that the body exerts in society. Thus, the present study intends to analyze the theme about the self and body in Freud and Schopenhauer, verifying if there are possible conceptual relations between these authors that are important for the studies of the present time and are approached by their inaugural theories about the subject. Following the influence of German romanticism, the psychoanalyst and the philosopher disseminated corporeity as an individual expression, from an experience that exceeds pure genetics. Therefore, the body has been approached beyond the physiological sense in research carried out mainly in the area of philosophy and psychoanalysis.

Key-words: Self. Body. Freud. Schopenhauer.

¹ Discente do curso de especialização em Psicoterapia Psicanalítica pela UNIFIL – Centro Universitário Filadélfia (e-mail: renata_dias.95@hotmail.com)

² Orientador: Prof. Dr. do curso de Psicologia da UNIFIL – Centro Universitário Filadélfia (e-mail: eugenio.molin@unifil.br)

INTRODUÇÃO

No cotidiano, podemos perceber cada vez mais a influência que o corpo exerce na sociedade. O tema sobre o corpo em Schopenhauer e Freud abordam traços distintos daqueles vigentes na época. Seguindo a influência do romantismo alemão, ambos disseminaram a corporeidade como uma expressão individual, a partir de uma vivência que ultrapassa a pura genética. Dessa forma, o corpo tem sido abordado para além do sentido fisiológico em pesquisas realizadas principalmente na área da filosofia e da psicanálise.

Embora Freud tenha citado Schopenhauer em alguns pontos de sua obra, o psicanalista não deixa claro a influência teórica que obteve diretamente do filósofo, ainda que fique óbvio o constante reconhecimento de semelhanças da obra freudiana com o seu pensamento.

Ambos os autores são importantes para os estudos da modernidade e se aproximam pelas suas teorias sobre o que possa ser o constitutivo do homem. Inaugura-se uma nova concepção do humano, a partir de teorias que nos dizem que há algo no homem que devemos ser advertidos, mostrando seu lado obscuro e problematizam as teorias que postulam o ser humano em uma camada superior aos outros seres existentes.

73

Freud se depara com a complexidade do corpo já no início de sua teoria psicanalítica, mas primeiramente, vale ressaltar que antes de se tornar conhecido por formular sua teoria sobre o inconsciente, Freud dedicava-se aos estudos de fisiologia e neurologia. Por mais que seus estudos nessas áreas receberam grande notoriedade científica na época, era necessário que ele se afastasse dos conceitos anteriormente apreendidos para inaugurar uma nova teoria sobre o corpo.

A partir do tratamento das histéricas, Freud (1895/1969) percebe algo do corpo que predomina para além do fisiológico e que ainda não havia sido descoberto por nenhuma via eficaz. Sem nenhuma evidência traumática e orgânica aparente, e frequentemente denominadas como “loucas”, ou que seus sintomas eram meramente frutos de sua imaginação, simulação ou até mesmo “possessão demoníaca”, as histéricas apresentavam diversos sintomas, como paralisias,

convulsões, agitações, tiques, vômitos crônicos, alucinações, e diversas perturbações dos sentidos.

Havia diversas formas de tratamento que se mostravam eficientes somente por um curto período, como a hidroterapia, chás, inalação de ervas, massagens e hipnose. Conforme Freud (1905/1969) aprimorava seus estudos sobre as doenças nervosas com Charcot, ele percebeu que a concepção anatômica não era a principal via de acesso para a solução dos sintomas, e aos poucos desenvolve uma técnica que permite acessar os conteúdos inconscientes e assim elaborar o trauma originário causadores do sintoma.

É no momento em que o psicanalista nos adverte que a histeria se comporta como se a anatomia cerebral não existisse, ou como se não tivesse conhecimento desta que o corpo passa a ter um aspecto da ordem do imaginário, do representativo.

O sintoma da histérica é simbolizado através do corpo, pois é através deste que se expressa o que é da ordem do recalcado. Não é mais somente apresentado como puramente somático ou fisiológico, trata-se de um lugar histórico, um relato no qual há de ser investigado para encontrar a realidade do sujeito.

74

DESENVOLVIMENTO

Destaca-se a relação entre eu e corpo no texto *O Ego e o Id*, onde Freud afirma que “o eu é antes e acima de tudo um eu corporal” (FREUD, 1923/1969, p. 39). É por meio dessa relação que o eu se desenvolve e é integrado psiquicamente, e o corpo age com a função de depósito onde se originam fenômenos internos e externos.

A partir de 1923, com a construção da segunda tópica o eu faz parte de uma instância do aparelho psíquico que se divide em três sistemas: o consciente, pré consciente e inconsciente. O eu possibilita ao humano a tentativa de uma organização dos processos psíquicos, responsável por diversas funções e atuando como mediador entre a realidade, o isso e o supereu. Ao mesmo tempo que é mantido contato com o mundo externo, ele opera como defesa de afetos geralmente inconscientes percebidos como ameaça a estrutura psíquica.

Nesse plano, a consciência é a função mais próxima da realidade, o que representa a superfície do aparelho psíquico. O eu é derivado de sensações corporais que podem ser descritas como uma projeção do organismo no psíquico, se constituindo a partir de identificações perante um outro como modelo, como por exemplo os pais, que desde sempre forneceram seu suporte necessário para a sobrevivência.

A respeito da instauração do eu, esta ocorre de forma narcísica através do investimento libidinal entre a mãe e a criança, no qual somente se constituirá como sujeito somente após ser erotizada corporalmente. O campo narcísico é o fundador da imagem do corpo, a partir daquilo que é, primeiramente, amor da mãe pela ordem do olhar sobre a criança.

Antes da constituição do sujeito, o bebê é um ser vulnerável, que precisa sentir confiança ambiental para sobreviver ao emaranhado de sensações interiores e exteriores ainda não compreendidas por ele. O papel de cuidador nos primeiros momentos da vida é fundamental para a constituição psíquica do sujeito, que está para além de simplesmente satisfazer os cuidados básicos (alimentação, higiene) da criança. Aqui, o que entra em jogo é o investimento libidinal originário do eu.

75

No narcisismo, os objetos externos que constituem o sujeito são apreendidos em um corpo previamente integrado por uma imagem que é produzida desses objetos. É a partir da produção dessa imagem central do corpo que permite produzir e receber investimentos da libido. Por meio da imagem, o indivíduo transcende em relação a outros objetos e se situa como uma unidade dentre eles.

Se em Freud a relação entre corpo e identidade foi colocada em evidência, como já mencionado, a partir do momento em que ele introduziu o narcisismo, quando diz que o ego é corporal, caracteriza-o também como narcísico. Apenas o registro do narcisismo pode sustentar a unidade ideal do sujeito, identificando o corpo com o si mesmo. De fato, com a introdução do narcisismo, Freud estabelece o investimento libidinal do ego na mesma série que os investimentos de objeto e acentua a natureza libidinal da pulsão de autoconservação. O narcisismo trabalharia, assim, a favor de uma abordagem do corpo com o próprio corpo (FERNANDES, 2011 p. 115).

É a partir da condição que haja um outro investidor que o corpo puramente biológico se transformará em um corpo erogenizado, superficial e profundo ao mesmo tempo. A relação eu-corpo desempenha um papel de relação entre o interior

e exterior, um efeito projetivo que resulta a auto-representação, no qual o eu refere-se a si mesmo.

Assim, o corpo psicanalítico é tomado de uma complexidade de experiências que vão além do âmbito individual e subjetivo. A formação do eu-corpo é constante e por isso está sempre em processo de desenvolvimento biológico e psicológico.

A questão do corpo também é um tema tratado de forma inaugural em Schopenhauer. O filósofo pontua que para conhecermos o mundo, é necessário ter conhecimento do próprio corpo, que ocorre em dois aspectos: como representação e vontade. Na primeira definição, o corpo é um mero objeto submetido às leis gerais, e no segundo aspecto, o mundo é conhecido de forma subjetiva para cada indivíduo.

O corpo é a objetivação da vontade, e em Schopenhauer (2005) o termo “vontade” não é usado em seu sentido comum, geralmente associado a um desejo ou disposição a fazer algo. Aqui a vontade é como uma ação. Dessa forma, ao tratarmos de um ato de vontade, Schopenhauer se refere ao próprio movimento corporal, seja ele voluntário ou involuntário, como a própria manifestação da vontade.

76

A vontade ocorre em todos os âmbitos, do orgânico ao inorgânico, ela é a essência de todos os fenômenos. Portanto, é concebida como um fenômeno incerto, acidental, não estando necessariamente vinculada aos fenômenos do conhecimento ou do viver. A própria vida é um ato da vontade, dessa forma o corpo se faz como uma condição necessária para a apreensão da vontade.

O corpo é a realidade que permite a intuição do mundo, sem corpo, não há mundo, devemos ser seres corporais para que haja o reconhecimento como indivíduo. Em outras palavras, é a realidade do corpo que permite a síntese inicial do processo de individuação. Se o mundo é meu próprio corpo, então o mundo também é vontade. Vontade e corpo não são estados diferentes, o querer já é o próprio movimento do corpo. A relação estabelecida não é simplesmente de causa e efeito imediato, pois a imaginação entra em cena, visto que o corpo físico não pode efetivar todos os atos de vontade.

Ghiraldelli Junior (2007) afirma que o sujeito schopenhaueriano não é somente da ordem da transcendência, é também o que ele denomina como homem, com psicologia, ética e história. Para Schopenhauer, somente os anjos se encaixam

nas exigências da filosofia, e se fossemos iguais aos anjos, não seria possível compreender o mundo devido a falta do corpo, ou seja, o conhecimento não ocorre em uma “cabeça de anjo alada destituída de corpo” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 156).

Com a influência kantiana, o filósofo agrega o elemento corporal do esquema de funcionamento da subjetividade de Kant e elabora o conceito de vontade a partir da coisa-em-si. A relação interna e externa também está relacionada com a vontade, pois o corpo é o que nos permite descobrir o mundo e apreender a vontade, pois toda e qualquer ação dela se manifesta pelo corpo.

A vontade não possui nenhuma lógica, racionalidade, e muito menos é portadora de algum sentido. Ela não escolhe o que será construído ou não, ela somente realiza e liga o mundo por meio do corpo do indivíduo. Muitas vezes ela está atrelada ao sofrimento humano, porém é por essa via sofrida provocada pela vontade que o ser humano conhece o mundo e a si próprio.

Pois sendo o único ser do mundo que se conhece “por dentro”, está em mim unicamente a chave de decifração. O surpreendente nesta descoberta é o fato de a “porta” para o mundo, além do eu, alojar-se no sentimento solitário do “ser si mesmo” deste mesmo eu. Será sempre entre as paredes de um “eu” a autodecifrar-se em seu próprio querer, que o mundo se abrirá nos seus mistérios (MAIA-FLICKINGER, 1996, p. 544).

77

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há uma possível aproximação maneira como o eu-corpo se constitui no constructo psicanalítico e no pensamento de Schopenhauer. O corpo freudiano é atravessado pela pulsão da mesma forma que o corpo schopenhaueriano sofre os efeitos da vontade, como uma condição enigmática necessária.

Pode-se dizer que o modo como Freud irá tratar o corpo desde suas primeiras observações é um modo que subverte o corpo anatômico que predominava em sua época. É a partir de sua atenção voltada aos sintomas histéricos que ele inaugura uma nova visão de conceber o corpo, pois para ele, os sintomas da histeria estavam relacionados com um conflito originado nas raízes históricas do sujeito.

Embora a filosofia schopenhaueriana trate o mundo além do ser humano, ao dizer que todos os movimentos são atos da vontade, Freud delimita a pulsão como um fenômeno do ser humano. Tanto o conceito de vontade como o de pulsão nos direcionam a uma incógnita que envolve questões relativas ao ser. É aqui que o eu-corpo se torna a questão fundamental para o filósofo e o psicanalista.

O conceito de inconsciente freudiano, assim como o conceito de vontade schopenhaueriano destacam o fracasso humano na tentativa de obter razão, liberdade e poder sobre o próprio ser. O sujeito, até então concebido como o sujeito do conhecimento pela via da razão, passa a ser regido pelas pulsões. É a partir de Schopenhauer e Freud que o corpo ganha um escopo teórico para justificar (mas não somente com esse objetivo) o sujeito pulsional.

Na tentativa de responder questões sobre o homem, os autores abriram portas nas quais podemos interpretar que não é possível concebê-lo em um sistema fechado e acessível, pois a concepção de corpo não se sustenta nesse modelo. A amplitude conceitual se faz necessária, não pretendendo conter início, meio ou fim para a nossa compreensão linear, pois se trata de algo situado em outro plano. O que podemos conhecer é pela experiência, não se tratando de uma verdade que adeque o sujeito às leis racionais.

78

REFERÊNCIAS

FERNANDES, Maria Helena. **Corpo**. 4.ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

FREUD, S. **O Ego e o Id e outros trabalhos (1923-1925)**. Rio de Janeiro: Imago, 1969, p. 11-83. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. XIX.

FREUD, S. **Estudos sobre a histeria (1893-1895)**. Rio de Janeiro: Imago, 1969, p. 15-297. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. II.

FREUD, S. **Um caso de histeria, três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos (1901-1905)**. Rio de Janeiro: Imago. 1969. p. 15-108. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. VII.

GHIRALDELLI JUNIOR, P. **O corpo: filosofia e educação**. São Paulo: Ática, 2007.

MAIA-FLICKINGER, M. O nó entre eu e o mundo. In: BONI, L. A. (org.). **Finitude e Transcedência**: Festschrift em homenagem a Ernildo J. Stein. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

SCHOPENHAUER, A. **O Mundo como vontade e representação**: tomo I. São Paulo: Ed. Unesp, 2005.